O POETA ALBERTO DE OLIVEIRA

RECORDAÇÕES AMÁVEIS PARA ESQUECER UM "INSTANTANEO CRUEL"

PALESTRAS E CONFIDENCIAS EM CAMPINAS- ULTIMO ENCONTRO NO RIO;

No seu artigo de domingo passado um palmo e pouco de coluna dupla que nos propina sempre um saboroso alimento de fatos, comentários e críticas no estilo desembaraçado e limpo de que tem completo domínio confessou Francisco Pati a amarga impressão colhida numa passagem do "Diario Secreto" de Humberto de Campos ao traçar um instantaneo cruel de Alberto de Oliveira, colhido num intervalo da sessão da Academia Brasileira de Letras. A impressão foi de lástima e terá sido tambem de repugnancia, não pelo grande poeta assim maltratado, mas pelos processos tão cheios de malevolencia do autor daquelas Memórias. Confesso que, lendo, como tenho lido, quase todas essas páginas do torvo legado literário, a impressão que me fica é de uma crescente comiseração pela incoercível malignidade do seu autor. Humberto era um rebelado contra o mal incuravel que o atenzava, que lhe ia tirando aos poucos a visão, algumas vezes lhe obscurecera a inteligencia e o abatia com a perspectiva de uma morte que o vinha deformando a prestações até chegar a hora de o recolher com aquele aspecto que, no Código de Justiniano, retirava ao ente humano os atributos de pessoa, definindo-o como "monstrum vel prodigium". Foi essa certeza de um fim de vida que sabia horrôrizante para os outros e para si mesmo que lhe avivou, no cérebro, as tendencias más que já vinham sendo esboçadas desde tempos passados quando con

seguiu popularidade e proventos na exposição da obscenidade de que "A Maçã" ficou sendo o simbolo exponencial. Humberto, nesses e em outros "instantaneos", revelou a perversidade doentia que se encontra nos individuos rebelados contra um mal íntimo de que o mundo não tem culpa, mas procuram consôlo derramando sobre conhecidos e, até sobre amigos que lhe abriram a alma em confidencias sagradas, todo o veneno da mordacidade que a moléstia neles concentrava.

Um estilo tão desempenado e seguro, frequentemente repassado de doçura e suavidade, estilo para escrever coisas amáveis e difundir idéias dignas, passou a ser instrumento de crueldades e ingratidões. Foi mau serviço prestado ao conceito do escritor essa divulgação das suas "Memórias". Um dos academicos - não me lembro qual - definiu a obra com justeza: - "Abriram a cova em que isso estava sepultado - e dela sópodiam sair essas miasmas de corpo em decomposição..."

As "Memórias revelaram no escritor primoroso que ele, incontestavelmente foi, um outro traço não recomendavel de carater - o da sua imensa vaidade. Era um estado mórbido anterior, que a molestia avivou e fez agudo.

Deixemos, pois, essas "Memorias postumas" com o que elas contem de maldoso e perfido, e relembremos coisas amáveis da figura e da pessoa de Alberto de Oliveira. Os recitativos que ele aqui realizou e Francisco Pati lembrou em referencias suaves nas quais a saudade do passado andou poderosamente colaborando, dão-me o ensejo de recordar um sarau da serie chamada em Campinas "litero-musical" de que Alberto

foi a grande figura, festejado, mimado, exaltado por moços, moças e velhos, confundidos no mesmo entusiasmo.

o o o o o o o o o o o

Foi isso em 1915, no "Centro de Ciências, Letras e Artes", em que muitas coisas amenas se faziam, ao tempo em que a Europa se dessangrava em combates ferozes na linha do Somme. Alberto de Oliveira, a convite de Alberto de Faria fora a Campinas passar alguns dias para ser recebido em sessão especial pela prestigiosa instituição nascida em 1901, sob os olhares e pelo esforço de um grupo de escol orientado, estimulado e incendiado pelo entusiasmo chamejante de Cesar Bierrenback. O presidente do "Centro", naquele ano de 1915 era o engenheiro Carlos Stevenson, secretario geral Erasmo Braga, 1º secretario o professor Anibal de Freitas e orador Antão de Moraes. Alberto Faria era redator da Revista e acumulava nesta todas as funções: escolhia a materia, solicitava colaboração, catava fotografias para os cliches, revia, paginava, em suma, fazia a Revista. E por fim hospedava em sua casa, na praça Bento Quirino, o poeta do "Por amor de uma lagrima". No escritorio e na sala contigua passavam os dois Albertos, um já imortal, outro prestes a ser acolhido na "ilustre companhia", as manhãs e as tardes: Alberto de Oliveira dava-me a impressão de que se levantava da cama com os bigodes frisados, pois cedo já se apresentava vestido, engravatado, ereto. Faria, ao contrario, trabalhava

em desalinho, em manga de camisa a soprar as cinzas do cigarro que ia deixando cair sobre o papel, e muitas vezes atravessava a praça para chegar ao nosso escritorio - e ia como estava, com a camisa aberta e de chinelos. Ninguém se espantava com isso. Sua sala de trabalho na qual o outro Alberto se instalava, estirando-se numa espreguiçadeira, era um modelo de desordem - com os livros espalhados nas mesas e cadeiras ou encaixados sobre outros nas estantes, ficando a mes com um espaço reduzidissimo para se escrever. E danava-se quando d. Marocas procurava por um pouco de ordem naquela barafunda. Aquele ambiente, no entanto, era do agrado do seu hospede: enquanto um fazia pesquisas linguisticas, o outro se enfolgava em poesias e sonhos e conservava aquele ar de gigante em transe, como que a receber a comunicação inspiradora de espiritos de poetas amorosos que vagassem pelo espaço. Fora de cas, andando nas ruas redobrava a solenidade da figura: alto, com passos lentos, espiava a rua e as praças sobre os ombros dos companheiros. O olhar de Alberto de Oliveira era placido, como que fatigado; falava pausadamente, escandindo as silabas, como se estivesse recitando. A linguagem era naturalmente pura, sem ser rebuscada, as ideias claras, o tom da conversa ameno e franco. Fazia contraste com o Faria, de olhos miudos e vivos, a cortar os dialogos com explosões bravias, parando muitas vezes para gesticular, como que vibrando golpes de um hipotetico porrete. Na recepção que lhe fizemos no "Centro", com um programa combinado de antevespera, pois contávamos com um bloco seletissimo de moças e rapazes que recitavam,

cantavam e faziam musica o ano inteiro (bloco esse que forneceu o maior contingente para a futura organização de "Monoculos e Lunetas), ficou Alberto de Oliveira como que transcolorido dos oradores, pela magistral dicção das recitadoras, pelo bom gosto dos interpretes e pela formosura das homenageantes. Succedia que, naquela noite, ia realizar-se um baile de uma sociedade feminina e as figurantes do programa já apareciam com seus vestidos de fantasia, de cores suaves ou vivas, e o salão do "Centro" se converteu na antecamara do salão de baile. E succedia tambem que, a convite de Alberto de Faria ali se encontravam, chegados à noite de São Paulo, Amadeu Amaral e Roberto Moreira, em companhia do dr. Thomaz Alves, presidente da anterior diretoria do "Centro".

Era natural que, com visitantes desse padrão beletриста, o programa anteriormente traçado recebesse acrescimos e reforços preciosos: Amadeu e Roberto, foram impelidos para o palco e intimados a recitar ou dizer alguma coisa bonita. Amadeu, poeta encolhido, que encantava pela doçura da voz mas não se deixava arrebatado, nem arrebatava, pelo entao da dicção ou pelos gestos meio assustado recitou um soneto do seu escritorio magistral, "Booz e Ruth. Roberto Moreira, que já conquistara prestigio e fama de "diseur" succedeu-lhe no palco e recitou o "Dentro da noite" de Bilac, com o acrescimo de mais alguns sonetos desse poeta. E o programa se desdobrou numa outra serie improvisada, em que era o publico que reclamava os recitativos.

Belos tempos, (belos para nós) em que numa cidade de interior paulista uma boa parte da sua sociedade elegante e culta se congregava em torno de poetas, oradores e "diseuses"

para exaltação da arte em suas mais belas expansões...enquan-
to nas planícies de Woevre as massas germanicas comandadas pe-
lo Kronprinz investiam furiosamente contra os fortes de Verdun,
num desperdicio de sangue dos mais ferozes que a primeira con-
flagração assinalou.

Ao fim, aclamado e chamado ao palco, apareceu Al-
berto de Oliveira e recitou algumas das suas poesias, encerran-
do a serie com "O Corvo" de Edgard Poe, na tradução de Machado
de Assis. Mandava ele que as luzes se apagassem e o palco ficava
seem absoluta escuridão, com uma só lampada a projetar-lhe o
vulto agigantado, e os bigodes que pareciam maiores, no fundo
do cenario: ambiente adequado aquele quadro em que se desenvol-
via o dialogo soturno e tenebroso que a voz do poeta, pausada e
grave, voz de catacumba, tornava ainda mais tenebroso e soturno.

Com esse numero findou a sessão, sendo Alberto ar-
rastado ao clube em que se realizava o baile para ali, receber
outras e vivas homenagens. Dava ele a todo o mundo a impressão
de estar no Céu, nas nuvens do Olimpo, entre deidades que o afa-
gassem como fazem as Sombras Tutelares no "Orpheu" enamorado que
Gluk imortalizou com a sua musica.

No dia seguinte, partia ele de regresso. Levava a
alma em festa, o que nem todo percebiam através daquelas atitu-
des hieraticas, como uma divindade egipcia que se deslocasse nu-
ma peanha, impelida para o seu definitivo pedestal ou catacumba.

Da sua estada em Campinas e das conversas que ali
manteve com os amigos da sua roda, no "Centro" e fora dele, al-
guma coisa recolhi, que guardo carinhosamente. E parece-me de

algum interesse reproduzir o que ele disse - e escreveu sobre a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras e a escolha do seu patrono que foi, como se sabe, Claudio Manoel da Costa. O valor de uma tal informação servirá para completar dados relativos à vida do poeta nesse período de formação daquele sodalicio. E é uma forma de recordar mais extensamente Alberto de Oliveira, acentuando-lhe os traços do carater tão despido de maldades, tão delicadamente tecido de sentimentos castos e simples. Disso falarei em proximo artigo.

Nas reuniões que Alberto Faria capitaneava, quando da visita a Campinas de Alberto de Oliveira, a roda de palestradores do "Centro de Ciencias, Letras e Artes", como é natural, ampliava-se e atraia socios que em geral ali raramente apareciam,

Alberto de Oliveira gostou tanto do ambiente de carinho e admiração que em torno dele se formara que voltou a visitar a cidade e os amigos por duas outras vezes uma delas interrompendo por dois dias a viagem que fazia para Poços de Caldas. Não tenho nota dessa visita, nem possuo na minha coleção da revista do "Centro" os numeros então publicados: apenas me recorde que uma delas coincidiu com a visita de d. Julia Lopes de Almeida que lá esteve um dia e uma noite e foi recebida no "Centro" com demonstrações de carinho e so entusiasmo, que redobraram de intensidade quando ali chegou, à noite, seu filho Afonso que tomou parte no programa de

recitativos oferecidos aquela insigne escritora.

Nas palestras que então se desdobravam em rodas diversas, em que d. Julia era circundada pelos diretores e socios, enquanto Alberto de Oliveira e Afonso Lopes de Almeida eram circundados e envolvidos por agitados grupos femininos a lhes reclamar recitativos e autografos, comprazia-se d. Julia em recordar dias da sua meninice ali passados, quando seu pai, o visconde de São Valentim (dr. Valentim José da Silveira Lopes), se desdobrava entre os encargos de medico da Santa Casa de Misericordia e do hospital, então recentemente instalado, da Sociedade Portuguesa de Beneficiencia.

Numa das reuniões em que Alberto de Oliveira discorria sobre episódios das rodas boemias de jornalismo carioca, das quais o dr. Tomaz Alves tinha sido, em seus anos de academico, figura de assinalado destaque, em fraternal comunhão com Artur de Oliveira, irmão do poeta, a conversa derramou-se para outros assuntos até chegar à fundação da Academia Brasileira de Letras. O que se conhecia, por aquele tempo, era pouco e era confuso; só algum tempo depois Medeiros e Albuquerque, Rodrigo Otavio e uns outros academicos deram ao nascimento da Academia o seu precioso contingente de informações.

Alberto de Oliveira interpelado sobre a sua parte na fundação e nas primeiras reuniões, declarou sem rodeios:

"Eu não fui fundador, nada fiz por ela. Acompanhava, mas de fora, os trabalhos da fundação, sem coadjuvar o esforço dos fundadores. Desses primeiros passos, aliás, eu só tinha noticia pelos jornais, pois residia em Petropolis quando a ideia

da Academia vingou no Rio. E a principio, confesso-o francamente, não tinha muita confiança no exito daquelle trabalho...".

Depois, interrompendo a narrativa, que ouvia nos com grande interesse, acrescentou:

- "Ha tempos o nosso Alberto (Faria) interpe-
lou-me sobre isso, numa das nossas extensas trocas de cartas e eu contei-lhe miudamente o que os srs. estão agora indagando. E acrescentei como fui convidado, e porque escolhi, para meu patrono, Claudio Manuel da Costa por quem, até hoje, nutro mui pequeno entusiasmo... E que não havia outros - e eu fiquei com ele que era a sobra". Alberto Faria confirmou o esclarecimento do xará e disse que tinha essa carta muito bem guardada - o que era coisa notavel, conhecida a mistura em que andavam seus papeis e escritos. Dias depois, entretanto, quando o poeta do "Livro de Ema" já havia embarcado para Poços, Faria achou a carta e ma confiou para a leitura: era carta longuissima, de mais de 15 folhas escritas com uma letra bem talhada e caprichosa, letra de quem tinha tempo disponivel para tais divagações.

Muito me arrependo ao destinatário aquelle precioso documento que, com outros preciosissimos autografos, certamente se perdeu - a não ser que mãos bem inspiradas o tenham separado para encaminha-lo ao arquivo da Academia.

Tive, porem, a boa ideia - tão interessante achei a informação - de copia-la linha por linha, num caderno de capa

de oleado que casualmente ainda conservo. A carta era datada de 3 de julho de 1912 da casa de Alberto de Oliveira em São Cristovão e empregava as dez primeiras folhas em discorrer sobre o soneto "Agonias ocultas", do abade de Jazente, comparando-o com o soneto que Euclides da Cunha mandara de Manaus a Rodrigo Otavio num postal, com o instantaneo do pessoal da Comissão de Limites do Javari, em fevereiro de 1905, e acrescentava esta apreciação sobre o "Mal Secreto" de Raimundo Corrêa: "Tanto este, porem, como o outro soneto que V. transcreveu, que longe ficam do "Mal Secreto" do nosso admiravel Raimundo, apesar daquela "chaga cancerosa" do primeiro terceto que infringe antigo preceito que mandava evitar-se na poesia quanto inspirasse repugnancia!"

o o o o o o o o o o o o o o o

Vamos, pois, à transcrição da parte narrativa, que ainda agora me parece de não pequeno interesse para o conhecimento dos motivos da escolha do patrono.

- "Porque tomei a Claudio por patrono na Academia?

Residia eu em Petropolis quando a ideia de uma Academia Brasileira de Letras vingou aqui no Rio. Se não fui de todo indiferente, não a propugnei, nada fiz por ela.

Um dia recebo, não sei bem se do Rodrigo Otavio, uma carta em que se me comunicava haver eu sido aceito ou acla-

mado socio da nova instituição. Pedia-se na carta que eu escolhesse o meu patrono entre tres ou quatro nomes que me enviavam, resto de uma relação de glorias nacionais, cujos principais e mais altos representantes, - como o ouro melhor da Gupiára, que dá logo na vista - já haviam por outros socios sido catados.

"Dos tres ou quatro nomes o melhor era o de Claudio Manoel da Costa; os outros, não me lembro bem quais, lhe eram todos somenos. Não hesitei. Fiquei-me com o poeta do Ribeirão do Carmo quando, se em tempo pudera escolher, o meu patrono fora Gonzaga ou Basilio da Gama, Gonçalves Dias ou Azevedo, Castro Alves ou Fagundes Varela.

"V. qualifica de indiscreta a curiosidade de saber a curta historia que ai vai contada. Pois acredite que folgo em referir-lha para, perante seu juizo, justificar-me do que parece ter sido da minha parte preferencia de mau gosto. Perdõeme o meu illustre patrono na Academia de Letras: eu pouco o admiro e se o tenho de cotejar com Gonzaga, ou qualquer outro dos poetas ha pouco citados, menos o admiro ainda.

"Claudio, como de Lamartine (aliás sem razão) disse Alvares de Azevedo:

"É monotono...como a noite,
Como a lua no mar e o som
das ondas".

"De toda a sua obra salvam-se, a meu ver, a Fabula do Ribeirão e alguns sonetos da centuria que nos deixou, e estes ainda assim tem todos a mesma toada. Mas não sei se V.

estará de acordo comigo; não
o está João Ribeiro, para quem
os sonetos deste poeta, em to-
das as literaturas latinas, só
tem superiores nos de Petrarca
e Camões".

Alberto Faria, recebido por Mario de Alencar ao
tomar posse da sua cadeira na Academia, em 6 de agosto de 1919,
transferiu residencia para o Rio e foi morar na Ilha do Paque-
tá, perto da "pedra da Moreninha" depois de uma espera de mais
de ano, em que andou da Pensão Schray para outras residencias.
No Rio, em maior proximidade com o outro Alberto e com velhos
confrades, certamente esmiuçou problemas linguisticos e lite-
rarios de que sempre andou sequioso.

Em abril de 1933, estando eu no Rio em serviço
que ali me reteve alguns meses, dei com um anuncio de leilão
de uma biblioteca famosa, a do dr. Simões Corrêa, medico que
guardava a maior e mais valiosa coleção de classicos da nossa
lingua, em edições já inteiramente esgotadas.

Fui ter à loja do leiloeiro Ernani, na rua de
S. José e ali meti o nariz por aquelas coleções, divididas em
lotes mal ajambrados que era necessario desamarrar para conhe-
cer o conteudo e evitar gatos e trocas. Em dois dias seguidos
do leilão encontrei-me com Alberto de Oliveira, que ali se pu-
sera à espera de uma edição dos Lusíadas, em grande formato, a
do Morgado de Mateus, de que o espolio tinha dois exemplares
magnificos.

Alberto já estava em decadencia física notoria -
passo tropego, ar exausto de quem tivesse saído da cama, olhar

sem brilho e, a contrastar com tudo, o bigode e os cabelos pintados (e mal pintados) de um negro brilhante que lhe tirava a respeitabilidade da figura. Conversamos seguidamente, encontrando-nos com outros bibliófilos que ali iam à cata de raridades. E ele recordou com ares de gozo aquelas visitas feitas a Campinas.

Afinal, vieram os "Lusiadas" e ele se preparara com o que poderia oferecer ficou logo abatido com os lanços de um sujeitinho que nada entendia de livros, mas informava ter ali ido para comprar aquelas preciosidades anotadas no catalogo para o patrão, que tinha casa de loterias... O bicheiro, pelo empregadinho risonho e solerte, entrou a fundo nas disputas: arrematou a camiliana aos metros, acrescentou-lhe Herculano e Pinheiro Chagas, em lotes inteiros e, quanto aos dois Morgado de Mateus abriu fogo oferecendo um conto de reis. Em 1933 isso ainda era dinheiro. Alberto chegaria a esse preço, mas não podia ir muito mais longe: e o maldito licitante não contente de arrematar um exemplar arrematou o outro por pouco mais de dois contos e retirou-se com ares de triunfador. Logo depois, sorumbatido e agoniado, Alberto levantou-se do sofá em que nos sentáramos e com uma fisionomia lastimosa despediu-se: - "Muito agradável a sua companhia, meu amigo, mas eu aqui não tenho mais o que fazer. Impossível enfrentar esses individuos, que compram por comprar: eu desejaria comprar para ler, para correr folha a folha a edição e compara-la com outras que já possuo...". E lá se foi, esguio

O POETA ALBERTO DE OLIVEIRA

(cont.)

- fls. 14 -

como um coqueiro velho fustigado pelos ventos. Enchemos de pena, os que estávamos a ouvi-lo. E eu lastimei muito mais aquela decepção que ele sofrera do que o ridículo da figura, antes ereta e elegante, e já então mal disfarçando as inexoráveis devastações da sua inconformada velhice.

Correio Paulistano, 21 e 28-X-1957